



Ailton Krenak e a defesa da inutilidade da vida

Camila Maurer¹⁹

Ailton Krenak é um dos pensadores mais influentes da atualidade e uma das vozes mais potentes na defesa da causa indígena e ambiental. Sua produção intelectual recente está centrada na reflexão em torno de temas contemporâneos, tais como a pandemia de Covid-19 e o aquecimento global, a partir de uma perspectiva que tem como base a filosofia dos povos indígenas. O autor é, desde os anos 1980, uma das mais destacadas lideranças indígenas do país, tendo participado da fundação de entidades como a União das Nações Indígenas e a Aliança dos Povos da Floresta. Em setembro de 1987, proferiu um discurso histórico na tribuna da Câmara dos Deputados, durante a Assembleia Nacional Constituinte. De terno branco e rosto pintado com a tinta preta do jenipapo, protestou contra aqueles que ameaçavam os direitos dos povos originários e, em articulação com outras lideranças indígenas, conquistou um capítulo na Constituição destinado aos direitos de seu povo.

Aos 69 anos, depois de andar pelo mundo, Ailton Krenak está recolhido em sua aldeia, no médio Rio Doce, em Minas Gerais, de onde sua voz ecoa, materializando, em sua vasta produção intelectual e luta pela autonomia e autodeterminação dos povos indígenas, o enfrentamento a uma visão colonial que coloca seu povo como mero objeto de saber e dominação (QUIJANO, 2005). Seu livro de maior sucesso editorial, *Ideias para adiar o fim do mundo*, lançado em 2018, foi finalista do Prêmio Jabuti, vendeu mais de 50 mil exemplares e colocou Ailton Krenak novamente em evidência. Em 2020, já durante a pandemia, lançou *A vida não é útil*, obra composta por cinco textos que foram adaptados a partir de palestras, entrevistas e *lives* realizadas entre novembro de 2017 e junho de 2020. Em tom de conversa e reflexão, tece críticas contundentes à sociedade de consumo e seu rastro de destruição, nos oferece caminhos para refletir sobre a decadência da nossa sociedade e nos envolve na riqueza de significados da cosmovisão indígena.

No primeiro capítulo, o autor questiona nosso conceito de humanidade, que abarca apenas o *homo sapiens* e deixa de fora uma infinidade de seres essenciais para a vida na Terra. A partir de uma postura anticapitalista que permeia toda a obra, o capítulo *Ninguém come dinheiro* faz referência à economia enquanto invenção humana abstrata, que gera concentração de riquezas nas mãos das grandes corporações, borrando os limites entre gestão política e gestão financeira do mundo.

O texto que abre o livro também faz referência à pandemia de Covid-19, ao afirmar que os seres humanos estão sendo lembrados de sua própria vulnerabilidade. Nesse sentido, o autor nos adverte que “não é preciso nenhum sistema bélico complexo para apagar essa tal de humanidade: se extingue com a mesma facilidade que os mosquitos de uma sala depois de aplicado um aerossol” (KRENAK, 2020, p. 7)²⁰. O trecho, que poderia ser considerado demasiadamente duro em outros contextos, soa perfeitamente sensato quando proferido por uma liderança que, há décadas, nos alerta para o fato de que estamos sufocando a Terra, um organismo vivo, a partir da cosmovisão indígena.

O segundo capítulo, *Sonhos para adiar o fim do mundo*, é digno de especial destaque por envolver o leitor na riqueza de significados dos sonhos no contexto da cosmovisão dos povos originários. Para os

19 Mestra. em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali). maurercamila7@gmail.com

20 Nesta resenha, usamos a paginação relativa à obra em formato e-book Kindle (ASIN B08DK93TC2).

indígenas, os sonhos guardam relação direta com a vida cotidiana, motivo pelo qual sonhar e falar sobre sonhos é, para esses povos, uma prática cultural ancestral a ser preservada. O autor ressalta o papel do sonho enquanto orientação para a vida, em uma experiência de consciência coletiva que o mantém ligado ao seu povo, mesmo quando está longe. Nesse ponto, as ideias de Krenak trazem à mente o poderoso relato do xamã Yanomami Davi Kopenawa, no livro *A Queda do Céu* (KOPENAWA; ALBERT, 2015), em sua valorização da narrativa dos sonhos para os ritos indígenas.

Também nesse texto, o autor explica que, na perspectiva indígena, os seres humanos não ocupam lugar especial na Terra em relação a outros seres, posicionando-se contra o antropocentrismo característico da modernidade. A indiferença de algumas pessoas em relação à morte e à destruição do planeta provam, na visão do autor, que “não há parâmetro de qualidade nenhum na humanidade, isso não passa de uma construção histórica não confirmada pela realidade” (KRENAK, 2020, p. 23). Por isso, o autor defende que reconfigurar o mundo pós-pandemia, a partir dessa mesma matriz capitalista seria um erro, enxergando o momento de caos da sociedade atual como oportunidade de transformação do modo como a espécie humana se insere na biosfera.

No terceiro capítulo, intitulado *A máquina de fazer coisas*, Krenak expõe a ideia de que o desvio dos humanos em relação à totalidade da vida se deu quando perceberam que podiam dominar uma técnica e atuar sobre a natureza, antes vista como algo sobrenatural, e explica que, no contexto das suas tradições, não há poder sobrenatural. Todo poder emana da natureza e é compartilhado por todos os seres. Novamente, defende a ideia de que estamos vivendo um momento de transformação, em que podemos decidir se caminharemos, ou não, para a autoextinção.

O autor adota uma postura crítica em relação às tecnologias enxergadas pela sociedade como sinal de progresso, ao afirmar que a técnica só criou brinquedos para justificar nosso rastro de destruição sobre a Terra. O autor questiona: “o que há para ser celebrado no fato de que podemos falar numa *live* para 3 mil ou 4 mil pessoas por um aparelhinho que é produto de uma civilização que está comendo a Terra para fazer brinquedos?” (KRENAK, 2020, p. 33). É nesse capítulo que o autor faz sua crítica mais contundente ao sistema capitalista e à mercantilização da própria ideia de sustentabilidade, que se materializa em dispositivos que exigem recursos naturais para serem produzidos, como carros elétricos, por exemplo.

O amanhã não está à venda é o quarto texto que compõe a obra e inicia lembrando o leitor que o isolamento e o luto que a pandemia impôs a todos são experiências rotineiras para o povo Krenak, que vive refugiado em seu próprio território e, há tempos, está de luto pelo Rio Doce, morto pelo extrativismo mineral. Nesse ponto, o autor tece críticas ao presidente da República que, na perspectiva do autor, exercita a necropolítica. Tal conceito provém da obra do intelectual camaronês Achille Mbembe (2018) e designa o poder do Estado em decidir quem deve viver e quem deve morrer. Krenak enxerga a pandemia como a resposta de um organismo vivo do planeta a esse pensamento doentio dos humanos e um ataque ao nosso modo de vida que ignora os rastros que deixa. Nas palavras do autor: “a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade” (KRENAK, 2020, p. 45).

O autor posiciona-se radicalmente contra a ideia de que as atividades econômicas não podem parar, alertando para o fato de que a economia é uma invenção humana que perde o sentido se os seres humanos estão em risco. Estabelece diálogo com o pensamento de Foucault, quando este afirma que a

sociedade de mercado só considera o ser humano útil quando está produzindo e passa a tratá-lo como fardo para o sistema quando deixa de ser produtivo para os padrões do sistema capitalista.

No quinto e último capítulo, homônimo ao livro, o autor joga luz sobre o fato de que o modo de vida ocidental transformou o mundo em mercadoria e formatou nossas experiências dentro de modelos previamente definidos. Nesse ponto, critica, de forma enfática, o sistema educacional que, para o autor, ensina a reproduzir um modelo desigual e injusto. Na perspectiva do autor, “o que chamam de educação é, na verdade, uma ofensa à liberdade de pensamento, é tomar um ser humano que acabou de chegar aqui, chapá-lo de ideias e soltá-lo para destruir o mundo” (KRENAK, 2020, p. 56). Essa visão mostra-se profundamente marcada pela concepção indígena de educação, fundamentada na transmissão de conhecimento de pais para filhos, de forma a perpetuar os saberes ancestrais.

É também nesse texto que o autor se mostra contrário à ideia de sustentabilidade como iniciativa individual e cita o episódio em que afirmou publicamente que tal conceito de sustentabilidade é apenas uma vaidade pessoal. Defende que a solução para os problemas ambientais não se encontra na individualidade, pois, para ele, nada pode efetivamente mudar, enquanto continuarmos adotando, coletivamente, a postura de consumidores dos recursos do planeta e não como parte desse organismo vivo.

Por fim, Krenak discorre sobre a inutilidade da vida, em afirmações que enfrentam a sociedade de mercado, que busca nos convencer de que o trabalho e a produtividade são as razões da existência. Para o autor, a partir da cosmovisão na qual está inserido, “a vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária” (KRENAK, 2020, p. 59). Nesse sentido, lembra que a sobrevivência dos povos originários está relacionada aos seus esforços em escapar dessa noção utilitarista da vida, ainda que sejam, por conta disso, tratados como loucos e opõe-se à ideia de civilização como um destino, em diálogo com uma perspectiva decolonial.

Pelas características descritas até aqui e por toda a jornada traçada pelo autor em décadas de ativismo e produção intelectual, entendemos que Krenak (2020) assume, a partir de seu lugar de fala enquanto sujeito do saber, perspectiva que contribui para o rompimento com a cultura colonialista e capitalista, que não apenas ameaça a sobrevivência dos povos originários, mas conduz a sociedade ao abismo, evidenciando a inviabilidade e insustentabilidade de nossa matriz atual, proveniente de um padrão de poder surgido a partir do colonialismo global (QUIJANO, 2005).

FICHA TÉCNICA

Título: A vida não é útil

Autor: Ailton Krenak

Editora: Companhia das Letras

Ano: 2020

Número de páginas: 128 páginas (impresso); 81 páginas (e-book Kindle)

ISBN: 9788535933697

ASIN: B08DK93TC2

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Trad. de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. E-book Kindle. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.